
FONTES ORAIS: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS NA TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Andrea Carla Rodrigues Theotonio.
PPGH/UFCG.
dealuis@hotmail.com

A VERDADE DIVIDIDA
(Carlos Drummond de Andrade)

A porta da verdade estava aberta
Mas só deixava passar
Meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade
Porque meia pessoa que entrava
Só conseguia o perfil de meia verdade.
E a segunda metade
Voltava igualmente com meio perfil
E os meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
Onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em duas metades
Diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade era mais bela.
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.
E era preciso optar. Cada um optou
Conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

É uma sensação confortante perceber a beleza que Drummond apresenta para nos falar da verdade (acho que a narração desse poema deveria ter várias pausas, vários silêncios, fico pensando no tempo que ele ocupou para ser escrito e ficar assim ... sábio), ou melhor da nossa busca pela verdade. Perceber esses meios perfis é sempre um desafio para o (a) historiador (a) que ancorado (a) em uma ou outra corrente historiográfica, com vários caminhos já trilhados, e embrenha-se por uma determinada metodologia (de preferência aquela que nos aponte caminhos menos tortuosos), mas o que fazemos é sim marcar uma opção, definida pela nossa vontade. Geralmente aquela que nos responde questionamentos iniciais de um projeto de pesquisa, que nos permite um diálogo com nossas referências teóricas, que nos aproxima dos nossos pares, ou deles nos distancia para marcar um lugar de escrita, mas essas orientações não deixam de ser nossas opções. E elas compõem o nosso rosto, um certo perfil de historiador(a), de pesquisador(a).

A presente comunicação para o GT História Oral, Memória e Ensino de História tem como objetivo compartilhar da experiência de utilização das fontes orais a partir da pesquisa desenvolvida para minha dissertação de mestrado junto ao PPGH/UFCG intitulada: *Entre Ramos de Poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia – PB*; onde o foco foi direcionado para uma análise da permanência de práticas de rezas e curas empreendidas pelas rezadeiras no cotidiano da chamada “religiosidade popular”. Estas permanências e suas interferências no cotidiano estão interligadas às esferas sociais e culturais no brejo paraibano em particular nas comunidades rurais, no nosso caso as comunidades de Chã de Jardim, Gruta do Lino e Tabuleiro de Muquém, pertencentes ao município de Areia – PB. Esse universo das mulheres rezadeiras é bastante complexo, pois além da percepção de elementos de tradição já consolidados pelo cotidiano, estamos diante de relações de saber e de poder. Nesse sentido essas relações não devem ser interpretadas como algo distante e ultrapassado, mas como fenômenos vivenciados nas práticas cotidianas, tanto pela mulher que reza como pelas pessoas que vão a sua procura. A atividade das rezadeiras não é uma prática que ficou no passado, ela é atual, sendo renovada, modificada e reconstruída a cada tempo, tornando-se uma realidade dinâmica na qual interagem vários sujeitos históricos e ajuda a construir um modelo de vivência na religiosidade popular.

Uma abordagem inicial é pensar o “enquadramento” muitas vezes proposto em relação a essas práticas como sendo parte da cultura popular. Questionamentos devem ser iniciados a partir do termo cultura popular, que exposto no singular dá uma impressão de homogeneidade; como se todos os populares tivessem uma única cultura; ou uma alusão também homogênea a classe popular, portadora de uma coesão interna que determinaria um tipo de cultura produzida e consumida por essa classe. Pensar no plural se apresenta como uma estratégia mais ampla para o historiador, pois são várias as práticas culturais elaboradas e partilhadas pela classe popular e por sua vez esta é composta de uma diversidade de indivíduos que não podem ser agrupados de maneira homogênea.

Peter Burkeⁱ discute o problema do popular, retomemos aqui dois questionamentos relevantes: um sobre a fronteira entre o popular e o erudito e outro que reflete o próprio limite do conceito de cultura.

Em primeiro lugar, pensar em pares dicotômicos não responde a complexidade da relação entre um determinado conjunto social e a cultura. Pensar a cultura do povo em oposição à cultura da elite é simplificar a discussão e excluir as nuances que são relevantes nessa relação. Elaborar uma abordagem sob esse aspecto é pensar como se existisse um muro a separar o popular do erudito, ou o povo da elite; no entanto não é possível se apoiar nesse muro ou tomá-lo como torre de observação para um extremo ou outro; pois ele simplesmente não existe.

Apegar-se a essa divisão, uma cultura produzida e consumida pelas camadas populares e outra que seria por sua vez produto e consumo das elites, é reduzir a análise a uma determinação do social. Como se os comportamentos, as crenças e a maneira de ver o mundo fossem determinadas apenas pelo lugar social que o indivíduo ocupa. Alguém do povo não poderia consumir uma prática cultural dita da elite? Ou será que a elite estaria proibida de se aproximar de práticas mais populares, que não seriam convenientes ao seu lugar na esfera social? As pessoas não estão separadas em redomas de vidro, tendo contato apenas com os seus, ao contrário, circulam (em maior ou menor intensidade) no mesmo espaço, recebem informações, (mesmo fazendo apropriações diferentes destas) estão sempre interagindo.

Pretendemos tomar o saber e a permanência das rezadeiras como referência para discutir esses aspectos de entendimento sobre a cultura popular, pois estudar a religiosidade popular é um campo vasto e extremamente interessante quando se contempla a história de maneira ampla tendo como ponto de partida uma análise das práticas cotidianas, nesse caso as rezas, a interação entre rezadeiras e comunidade e a apropriação que os indivíduos fazem dessas práticas.

Com relação às rezas, as mais procuradas são aquelas que têm por meta sanar males e doenças. É válido lembrar da presença da medicina tradicional e seus aspectos de diagnósticos e curas; no entanto as pessoas que se utilizam dessas práticas de rezas o fazem de maneira associada com intervenções da medicina.

A rezadeira conhece rezas, remédios e simpatias. Por meio destes mecanismos trabalha no sentido de promover a cura em pessoas que sofrem de alguma doença como: mal de monte ou mal de munturo, espinhela caída, mau olhado, quebranto, ventre caído, peitos abertos, nervo triadoⁱⁱ e vários outros tipos de males.

Como já frisamos, é no meio rural que essas práticas de reza e a presença das rezadeiras pode ser melhor visibilizadas e esse universo rural é pouco, ou quase nunca, descrito na produção historiográfica sobre o município de Areia - PB. A construção da história local deve ser vista como contribuição para uma visão plural da história. Assim, essa construção não pode ficar restrita a elaboração de uma versão de caráter universalista pautado em modelos ou chaves explicativas que privilegiem apenas aspectos políticos e econômicos e releguem questões cotidianas, permeadas pela religiosidade, a um segundo plano – lugar de amenidades – que não são “história”, como aquela vista por positivistas, ainda presentes na historiografia sobre a história de Areia - PB.

No caso da produção historiográfica do município de Areia - PB existe uma tendência onde são evidenciados, prioritariamente, os aspectos políticos e econômicos. Além disso, as análises pontuam com maior ênfase o espaço urbano. Parece quase indissolúvel a noção de superioridade cultural pertinente aos nascidos em Areia, considerados privilegiados por isso, e ao longo dessa construção foram idealizadas e propagadas imagens para consolidar essa idéia. É recorrente a elaboração da imagem de Areia como Terra da Cultura, berço da genialidade de Pedro Américo, a ênfase a vocação dos filhos ilustres para a política, na qual se destacam vários expoentes, a exemplo do Ministro José Américo de Almeida, e ainda o destaque à benevolência dos senhores de engenho que alforriaram seus escravos antes da Lei Áurea.ⁱⁱⁱ

Nesse cenário, a elite composta de homens brancos é considerada a condutora da história local, sujeitos privilegiados em meio a um universo onde os outros exercem um papel secundário e subordinado. Assim, essa compreensão contribui para uma exclusão das camadas populares do saber histórico, categorias que, segundo a elite local, não tiveram contribuições relevantes para a história e deveriam ficar restritas a periferia social. Aonde, as contribuições das mulheres rezadeiras seriam vistas, como participações menos importantes e indignas de figurar nos livros de história.

Contraopondo-se a esta visão, o presente trabalho privilegia as fontes orais, proporcionando uma maior compreensão da presença das mulheres rezadeiras e suas contribuições na história das comunidades onde estão inseridas como sujeitos históricos atuantes.

São incontáveis as contribuições advindas da metodologia da história oral, que não é exclusiva de historiadores, o que vemos como um dado positivo, pois abarca colaborações e experiências diversas de antropólogos, psicólogos, comunicadores sociais, lingüistas aplicados, entre outros. Em meio aos historiadores, esta se constitui num campo que tem provocado reações diversas, em alguns contextos surgem resistências, em outros a história oral é valorizada como uma possibilidade de englobar novos temas e novos sujeitos. Percebemos que o fazer da história oral é complexo, extrapola a execução de um relato ordenado de vida ou, no nosso caso, das práticas das rezadeiras. A opção pela história oral deve produzir conhecimento histórico, tendo a preocupação de levar em consideração seus pressupostos metodológicos e a relação da história oral com outros campos do saber.

A produção historiográfica que tem se estabelecido utilizando fontes orais é bastante heterogênea, em relação aos temas abordados, mas a história das mulheres tem crescido em produção e ampliado a perspectiva de pesquisa com auxílio desta metodologia.

Philippe Joutard^{iv} faz um balanço da produção realizada que tem como fundamento metodológico a história oral. Contextualiza a situação dos historiadores de algumas regiões: EUA, Espanha, América Latina, França explicando suas reações e a produção de pesquisas, revistas, centros de investigação que se tornaram referências para a história oral. Aponta também a fragilidade da própria história oral, que abre um vasto leque de interpretações e se mostra, de certa maneira, incompleta.

Para Joutard “a expressão fontes orais é metodologicamente preferível e a expressão história oral é terrivelmente ambígua, para não dizer inexata”.^v

No decorrer da pesquisa, utilizamos como fontes orais as narrativas de mulheres rezadeiras, Dona Bernadete (Gruta do Lino), Dona Margarida (Chã de Jardim), Dona Maria Coelho (Tabuleiro de Muquém) e Dona Creuza Lopes (Areia); e de algumas pessoas que as procuram em busca de auxílio. Uma parte das entrevistas foi realizada separadamente, outra nas casas das próprias rezadeiras, por ocasião da visita de alguém em busca de alívio para algum tipo de mal. Para esses sujeitos: as rezadeiras que já nomeamos e as pessoas que são rezadas, as entrevistas foram temáticas – sempre em torno do ofício da rezadeira, as práticas de rezas, as recomendações prescritas, algumas receitas de remédios caseiros feitas com a utilização de plantas medicinais conhecidas

na região. Além desse eixo comum foram questionadas as motivações que levaram as pessoas da comunidade a procurarem o auxílio da rezadeira.

Outras entrevistas foram realizadas com os agentes biomédicos oficiais, ligados ao Programa de Saúde da Família (PSF), a saber: a Coordenadora Municipal do referido programa, Maria de Fátima Andrade, os agentes comunitários de saúde Maria Verônica dos Santos e João Francisco dos Santos Neto. Esses profissionais atendem a área composta pelas três comunidades já citadas, a estrutura de atendimento é efetuada no Posto da Unidade Básica de Saúde que fica localizado no Distrito de Muquém. Com o objetivo de conhecer os detalhes da estrutura do PSF, como os procedimentos realizados nas Unidades Básicas de Saúde, o número de famílias atendidas e a frequência desses atendimentos, as entrevistas para esse grupo foram direcionadas e em alguns casos com questionários objetivos a serem respondidos. A estratégia utilizada foi observar os dados apresentados pela coordenação do Programa e poder compará-los com os relatos da vivência dos agentes comunitários de saúde e dos usuários do serviço de saúde do município.

Para completar esse cenário, composto de vários sujeitos que possibilitam a força da reza, também foram entrevistados os agentes religiosos oficiais da Igreja Católica, o pároco da Matriz de Nossa Senhora da Conceição – Padre Aduino Tavares que atende as comunidades nos ritos católicos; missas, administração dos sacramentos; e as coordenadores dos grupos católicos com maior visibilidade nas comunidades, a saber: Ridete Cardoso, do Apostolado da Mãe Rainha e Benedita Maria dos Santos, da Legião de Maria. As entrevistas direcionadas a esse grupo buscaram perceber como as lideranças do universo católico entendem a presença das rezadeiras em seus grupos e como estabelecem relações com as práticas de reza no cotidiano da vivência católica.

Forma-se assim um conjunto de narrativas bastante diversificado – rezadeiras, parte da comunidade que as procuram, agentes biomédicos, agentes religiosos da Igreja Católica – mas norteado por um fio condutor, a prática da reza, visto por diferentes sujeitos que exprimem seus significados, ora próximos, ora distantes dos demais. Nesse movimento articulador das narrativas, o cuidado com o trabalho pautado em fontes orais procurou ser feito de forma mais atenta, na condição de historiadora estive lidando com um constante surgimento de novos significados, frutos das experiências de sujeitos que falam de lugares diferentes. Mediamos saberes diversos que advinham de distintas

formas de pensar dos sujeitos envolvidos no *corpus* que recortamos do amplo universo da experiência da reza.

Sobre essa questão é valiosa a seguinte observação de Alessandro Portelli:

Mas, o realmente importante, é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repassa não tanto em suas habilidades de preservar o passado, quanto nas mudanças, forjadas pela memória. E estas modificações revelam o esforço dos moradores em buscar sentido no passado e dar forma as suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico.^{vi}

A opção demarcada foi por entrevistas temáticas, onde o fio condutor fosse sempre a prática da reza e sua inserção na comunidade, passando por eixos como o processo de iniciação no ofício, as mudanças na procura pelas rezas, e a situação local da permanência dessas práticas, já que algumas rezadeiras se preocupam em ensinar algumas rezas a outra que a substitua. No entanto, nas narrativas não estão presas ao meu roteiro ou as minhas intenções (ou a minha busca pela verdade), e muitas vezes me deparei com narrativas de história da vida das mulheres, de seu casamento, seus filhos, sua participação na igreja, sua relação com o sagrado.

O importante como ressalta Portelli no trato com fontes orais é perceber a mudança, o quanto nas falas de sujeitos que se expressam a partir de lugares diferentes a reza e a rezadeira ocupam um lugar distinto. É no momento de análise das entrevistas que o processo de criação de significações vai sendo compreendido. No entanto, esse não é um estalar de dedos, é um trabalho minucioso de ouvir, transcrever as entrevistas, relembrar as situações de realização de cada uma dessas entrevistas. O primeiro passo que é o ouvir a gravação deve ser repetido cuidadosamente como quem garimpa e espera encontrar as riquezas de cada fala, de cada entonação, de cada pausa. Reler as transcrições compará-las, aprender sobre o universo da reza e sua presença resignificada a cada ocasião é resultado de um olhar atento proporcionado por esse trato com as fontes orais.

Esse trato com as fontes orais torna a pesquisa rica e complexa ao mesmo tempo, essa complexidade foi extremamente frutífera ao longo da produção da dissertação (lugar luminoso onde estará o nosso perfil, fruto da nossa miopia) e onde essa opção

pelo uso da metodologia da história oral foi contemplada, pois um bom trabalho de história deve conter uma discussão sobre as fontes utilizadas.

ⁱ Sobre as contribuições no questionamento do termo cultura e do conceito de popular ver a obra de Peter BURKE, Peter. "Introdução" IN: *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ⁱⁱ Expressões que fazem referências a doenças para as quais se está buscando a cura, mal de monte é uma designação de erisipela, nervo triado de uma distensão muscular. Esses termos foram por nós coletados em entrevistas com rezadeiras por ocasião da elaboração da referida dissertação.

ⁱⁱⁱ Sobre essas considerações a respeito da historiografia referente ao município de Areia é possível consultar a seguinte bibliografia: RIBEIRO, Domingos de Azevedo. *Areia e sua música*. João Pessoa, 1992. TORRES, Francisco Jorge. *Bruaxaxá*. EDITEL. UFPB, 1978. TORRES, Francisco Tancredo. *Areia: Paróquia e Pároco- 40 anos*. SEC - PB, 1990.

^{iv} Ver JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

^v JOUTARD, Op. cit. p. 57.

^{vi} PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Projeto história. São Paulo: EDUSC, nº 14, 1997, p. 33.

BIBLIOGRAFIA

- BEOZZO, Oscar. *História da Igreja Católica no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1979.
- BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves, 2ª. Ed., Petrópolis: Vozes, 1994.
- JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Projeto História. São Paulo: EDUSC, nº 14, 1997.